

José de Mesquita
Da Academia Matogrossense de Letras

O NATAL DO COMUNISTA

Conto

Revista de Cultura
Ano X – Num. 112, Abril – 1936
Págs. 210 a 212
Diretor: Pe. Thomas Fontes
Redação: Rua do Catete, 160 – Rio de Janeiro

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

O NATAL DO COMUNISTA

Sergio Petrovich Sovaroff esperava para aquella noite de Natal a grande e muito sonhada revolução vermelha, que deveria marcar, a sangue e lagrimas, a jornada libertária dos oprimidos. Por uma carta do «camarada». Andrieff fôra posto a par de toda a trama, que obedecia, rigorosamente, aos cânones da Technica revolucionaria leninista. Os companheiros conluídos para o golpe decisivo achavam-se todos a postos. Um signal seria dado para se conhecer a hora do assalto formidável.

O plano, bem urdido, não falharia desta vez. E os burgueses infames, os ricos, os exploradores eternos do proletário não perderiam por esperar: a pequena cidade sertaneja cahiria fatalmente, inevitavelmente, nas mãos do communismo salvador, que ha 17 annos vem fazendo a felicidade da Rússia, comquanto ainda não tenha encontrado infortunadamente, outros imitadores. . .

Tendo vindo para o Brasil havia cerca de 5 annos, Sergio casara-se com uma proletariazinha do bairro industrial de . . . e, dessa união, lhe provieram dois filhinhos, um casal mimoso de crianças, que era a alegria e a doçura do seu lar. Trabalhava o dia inteiro na officina, mas quando, ao cahir da noite, volvia para casa, era como se um pedaço do céu — porque essa comparação, dizia comsigo mesmo, se elle não acreditava em taes miragens? — se abrisse no torvo charco do seu negro viver.

Apparecida vinha-lhe ao encontro, singela e risonha, sempre jovial nas maiores desditas, trazendo pela mão a pequena Sergina e, ao collo, o robusto Dmitri, o caçula mimado do seu amor.

E enquanto esperava o jantar, Sovaroff brincava com as crianças, vendo, naquella noite poética, accenderem-se, no horizonte rosagris, as primeiras estrellas . . .

Lento, profundo, suggestivo, o sino soou, na doçura da noite verânica, conclamando os moradores daquelle burgo silente á linda Missa com que o Christianismo celebra a vinda do Senhor. Um forte abalo sacudiu os nervos de Sergio Sovaroff. Aquelle toque lembrava-lhe a approximação da hora *h*, da terrível jornada vermelha, combinada para essa noite, ao terceiro signal da Missa do gallo. O coração bateu-lhe presago. Correu ao quarto de dormir. Os seus queridos dormiam placidamente, a mulher no leito de casal, e os pequenos na sua caminha, sob o mosquito de filó. Approximou-se para os ver mais de perto. A lamparina, frouxa e tremula, palpitava, junto do oratório, como se fosse um coração latejando. . . Na meia sombra da alcova, divulgou o sorriso doce e casto que florescia no rosto de Cida o a expressão de serenidade que transfigurava a physionomia dos seus filhinhos.

Como a exprobrar-lhe o passo que, dali a pouco, ia dar, o Christo, severo, ao fundo do nicho, atado á cruz do martyrio, parecia fitá-lo, entristecido. Aquella imagem acompanhava-o desde a infância. Sobre ella os seus velhos paes depositaram o ultimo beijo de agonia. Vinha de três ou quatro gerações de crentes, na sua velha Rússia, que hoje, considerava a religião o «votka» que engana e embriaga o proletário. Foi aos pés desse crucificado que Cida e elle juraram pela primeira vez sêr um do outro. Seus filhos aprenderam a rezar, entre os joelhos maternos, fitando aquelle «Nosso Senhor».

Sergio sentia um tropel de pensamentos angustiosos a correr, desordenadamente, no seu cérebro. Dali a alguns minutos, deflagraria, por suas mãos, o incêndio destruidor, em que religião, família, propriedade, tudo seria arrastado, para que triumphassem umas tantas ideologias exóticas e contrarias ao sentimento dos seus queridos. . .

O NATAL DO COMUNISTA

Á doçura daquela noite de Natal, em que a humanidade celebrava o meigo Jesus, que se encarna por amor aos homens, e por elles viera soffrer, succederia a commemoração de um judeu nascido na frieza tamisina, que ensinava que só o ódio vence o que o homem é uma funcção da economia e do interesse . . .

E elle ia cooperar para isso? Derrocar a sua felicidade e dos seus, que nada sabiam do plano sinistro? Sergio apertava a cabeça entre as mãos crispadas . . .

Nesse instante, a campana ressoava, meiga e suave, no segundo toque da Missa do gallo. Num impulso, quasi allucinado, o communista beijou a fronte da mulher e dos filhinhos e sahiu numa corrida desabalada, a ver se ainda era tempo de evitar a hecatombe, denunciando-se e aos seus camaradas, perante a autoridade mais próxima.

Triumphava o amor sobre o ódio, o perdão sobre a violência, Jesus de Nazareth sobre o torvo e sinistro Karl Marx . . . E o Natal do communista, em vez de tingir-se de sangue e regar-se de lagrimas, foi uma alvorada de preces e de bênçãos, no lar de Sergio Petrovich Sovaroff. . .

JOSÉ DE MESQUITA.